

ACONTECIMENTO E METAMODELIZAÇÃO PELA MÁQUINA *SMARTPHONE*: RASTREAMENTO DA FORÇA PRODUTIVA ATRAVÉS DOS CORPOS-CHIP

Mario Alberto Pires de Arruda¹

Resumo: O trabalho tem por objetivo refletir sobre as transformações agenciadas pela tecnologia móvel, popularizada principalmente pelos smartphones, no que toca ao corpo humano e aos modos de modelização e controle social. Para tanto, são analisados diferentes aplicativos e sites que evidenciam como a geografia, os encontros e os percursos corporais tem sido utilizados para o rastreamento de hábitos e tendências sociais. O método utilizado envolve a combinação de análise documental com análise teórica. Os resultados apontam principalmente para duas questões: a dimensão política do corpo humano como fonte de saber e poder quando parte da amálgama que chamamos de corpo-chip; e que a gestão social contemporânea é agenciada numa imanência entre o regime disciplinar e o regime de controle, destacados por Deleuze (1992), através da captura de informações e sua transformação em nichos de mercado passíveis de modulação.

Palavras-chave: *smartphone*, corpo, rastreamento.

1. Introdução

O vazamento *Vault 7*² do Wikileaks, de março de 2017, evidencia que a espionagem americana tem se direcionado a aparelhos individuais como *smartphones*, *tablets* e computadores. O controle cibernético estatal, que ao mundo ocidental aparenta ser presente apenas em países como a China e a Coreia do Norte, tem deixado de ser uma longínqua realidade ao vir à tona uma política americana de controle que fere direitos de privacidade. Segundo o vazamento, a CIA tem utilizado de técnicas desenvolvidas por hackers para se infiltrar em aparelhos e acessar informações como documentos internos, localização geográfica, trocas de mensagens em aplicativos. Além disso, uma reportagem do Wall Street Journal,

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Integra o Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação (GPESC). E-mail: marioarruds@gmail.com.

² Disponível em: <<https://wikileaks.org/ciav7p1/>>.

comentada pelo site Tecmundo³, mostra que o FBI pode controlar remotamente aparelhos de tecnologia móvel, podendo ativar câmeras e microfones e acompanhar conversas e imagens.

E ainda que tal problemática seja caso de uma macropolítica internacional, nos parece que ela tenha incidência sobre nosso cotidiano. A tecnologia móvel, materializada principalmente em *smartphones*⁴, funciona como a porta de entrada para um controle jamais visto na história através de acoplagem tecnológica ao corpo humano. E se a ficção científica, que em uma vasta filmografia e bibliografia, criou o clichê do chip cibernético acoplado ao corpo humano, hoje a única diferença parece ser que ele não seja subcutâneo, mas seja carregado incessantemente dentro de algum compartimento de nossa vestimenta.

Podemos visualizar que desde o estágio inicial da tecnologia online, o rastreamento de informações esteve presente e foi se intensificando de acordo com os acontecimentos que tem constituído a evolução da potência de processamento de dados. Na fase da internet discada, o rastreamento era dado através do número da rede telefônica e do IP⁵ do computador. Com o jogo de forças que criou a internet 2.0⁶ e os sites de redes sociais, o controle primeiramente se direcionou à interação ativa e às relações de amizade já no Orkut, para chegar no estágio de produção de bolhas algorítmicas⁷ inerentes ao Facebook e ao Google, nos quais toda performance online tem se tornado rastros para a produção de nichos de interesse capitalista, a partir da modelização e controle subjetivos (ARRUDA, 2018). Mas é com a criação dos *smartphones* que o controle tem tomado uma nova característica, destruindo de vez a dicotomia online/offline: hoje o rastreamento de informações é cada vez mais dado no nível dos movimentos corpóreos palpáveis, chamados assim aqui apenas para fins de introdução. Se antes apenas os movimentos que se direcionavam ao ‘interior’ dos aparelhos informáticos, ou melhor, apenas o ato de digitar é que configurava a imagem que os bancos de dados tem de cada um de nós, hoje o simples fato de portar um *smartphone* por onde andamos já passa a constituir quem somos.

³ Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/seguranca-de-dados/106451-ponto-estamos-sendo-espionados.html>>.

⁴ Esse artigo trabalha principalmente com a tecnologia móvel dos *smartphones*. Por *smartphone* entendemos os aparelhos celulares que tem características de computadores, podendo não somente fazer ligações telefônicas, mas também operar *softwares* e aplicativos diversos.

⁵ Internet Protocol. Número que identifica o computador.

⁶ Temos entendido o termo internet 2.0 referente ao momento em que a internet passa a se constituir em seu caráter maquínico, ou seja, quando a internet passa a ter o usuário como componente de sua estruturação.

⁷ As bolhas algorítmicas ou bolhas dos filtros (PARISER, 2012) são regimes de circulação de dados referentes a nichos de interesse constituídos pelas interações online em sites de redes sociais como Facebook, Instagram e Google. Isso quer dizer que cada indivíduo recebe em seu percurso na internet um conjunto de informações personalizado.

Isso se torna mais claro quando mergulhamos nos modos de operação dos aplicativos mais comumente utilizados contemporaneamente. Ao fazermos o *download* gratuito do aplicativo do Facebook para *smartphones*, fornecemos diversas informações pessoais através da permissão do acesso à câmera, ao microfone, à agenda e à localização de nosso *smartphone*. De saída, o aplicativo já ganha acesso a informações passadas e futuras que estão para além do que costumamos postar no Facebook. As imagens que não compartilhamos, os contatos de telefone que não estão armazenados no site, aquilo que falamos perto do microfone e a nossa localização geográfica são adicionais informativos que constituem os nichos de interesses personalizados do site, mesmo sem informarmos o Facebook a partir de sua interface online.

Diante desse primeiro exemplo, há de nos perguntarmos: que maquinismo é esse que informa bancos de dados incessantemente a partir dos movimentos corporais? A tão alarmada singularidade tecnológica (KURZWEIL, 2005), o período em que a humanidade transcenderia suas limitações biológicas convergindo suas possibilidades com as da tecnologia pode ser uma resposta. Kurzweil (2005) parece ter acertado na constatação da existência de tal período, mas talvez apenas tenha visto uma lógica humana que cá sempre esteve: seguindo na esteira de Deleuze e Guattari (2013), entendemos que a tecnologia não nos fará transcender nossas limitações biológicas, mas as possibilidades e limitações biológicas também são agenciadas pela tecnologia, ou seja, há imanência entre a tecnologia e os corpos humanos – sua separação serve meramente como uma utopia humanista.

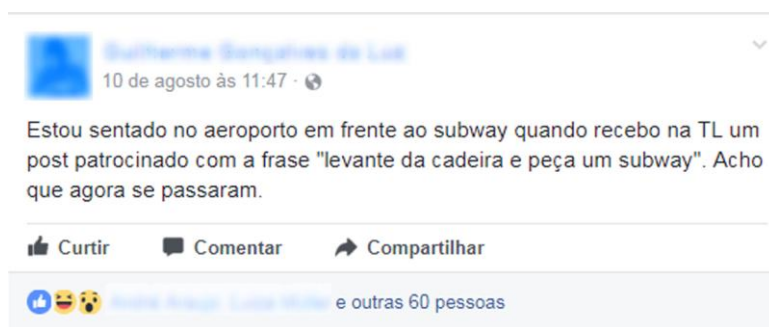
Nesse sentido, pergunta-se: é ainda produtivo tentar encontrar as fronteiras do corpo humano? Pensamos que seja mais adequado considerar o corpo em sua dimensão ciborgue, tal qual Donna Haraway (2009), entendendo a tecnologia como um aspecto de nossa corporificação. O *corpo-chip*⁸ trata-se de um estágio corporal que evidencia que o maquinismo do *smartphone* só se efetua em sua especificidade quando em agenciamento com o movimento da carne e do osso, e o agenciamento desses com outras tantas máquinas sociais técnicas. Queremos dizer com isso, que

já não se trata de confrontar o homem e a máquina para avaliar as correspondências, os prolongamentos, as substituições possíveis ou impossíveis entre ambos, mas de levá-los a comunicar entre si para mostrar como o homem compõe peça com a máquina, ou compõe peça com outra coisa para constituir uma máquina [...] não é por metáfora que falamos de máquina: o homem compõe máquina desde que esse caráter seja comunicado por recorrência ao conjunto de que ele faz parte em condições bem determinadas. (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 508)

⁸ Cunhamos esse termo para designar o agenciamento humano com o *smartphone* em sua especificidade.

Tomar a imanência radical de Deleuze e Guattari (2013) como ponto de saída para essa reflexão não quer dizer estancar tudo em um mesmo estrato único, mas desnaturalizar as estratificações usuais que já não fazem jus aos tempos presentes. Tomamos como objetivo desde já encontrar o acontecimento causado pelo *smartphone* em sua presentidade, demonstrando como tem se formado as estratificações contemporâneas bem como o maquinismo que lhe é pertinente.

FIGURA 1 – Postagem no Facebook referindo a publicidade a partir do rastreamento da localidade do *smartphone*⁹



Fonte: Facebook.

Cabe ainda salientar outro exemplo bastante esclarecedor do que estamos apresentando. Tomemos o aplicativo de paquera Happn¹⁰, o qual tem como principal atrativo a capacidade de possibilitar o encontro entre pessoas que estão próximas geograficamente. O aplicativo monitora os passos do usuário e compara esses dados com a localização de outras pessoas. Isso possibilita que ele mostre com quem o usuário cruzou no dia e a partir disso oferece a possibilidade de interação. Falamos desse aplicativo porque ele demonstra claramente o funcionamento do GPS e as possibilidades de cruzamento de dados, mas tal potencialidade está em diversos outros aplicativos, como o do Facebook (como observamos na FIG. 1) e o do Google, que armazena todos os movimentos que fazemos no site Linha do Tempo¹¹.

Dado esse mecanismo, é possível perceber que o mapeamento da proximidade de corpos é uma realidade bastante acessível ao nível de processamento de dados contemporâneo.

⁹ Na imagem, TL se refere à *timeline*, o espaço para recebimento de informações no Facebook.

¹⁰ Descrição detalhada em: <<http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2015/04/como-usar-o-happn-novo-aplicativo-de-paquera-que-e-sucesso-no-brasil.html>>.

¹¹ Disponível em: <<https://www.google.com/maps/timeline>>. A partir desse site, o usuário pode localizar seu aparelho, fazer chamadas, enviar mensagens e mesmo apagar os dados do *smartphone* em caso de perda ou roubo. Tais potencialidades demonstram que o *smartphone* pode ser acessado remotamente.

Percebemos, portanto, que o rastreamento pode deixar de ser necessariamente individual e passar a constituir um estágio no qual podem ser rastreados nichos de interesse geograficamente através do cruzamento de informações derivadas dos aplicativos de GPS dos *smartphones* e os tipos de estabelecimentos e eventos pela cidade. Assim, o rastreamento de informações via tecnologia, que tinha como máxima potencialidade a produção de bolhas personalistas de interação a partir de rastros online (ARRUDA, 2018), tem passado a poder constituir uma lógica de armazenamento e distribuição de informações concernentes à geografia, direcionando-nos a uma globalização regionalizada fragmentada em muitos nichos de interesse.

A partir disso, nos parece que a produção do corpo ciborgue, chamado aqui de *corpo-chip*, seja o próprio modo de ação de rastreamento e controle subjetivo e capitalístico contemporâneo. Isso dá a ver um estágio da lógica dos sites de redes sociais na qual eles estejam assumindo uma nova materialidade: eles estão cada vez mais corporificados, sua materialização fica cada vez mais evidente quando não mais é necessário se dirigir até sua plataforma digital para abastecê-la. O agenciamento *corpo-chip* tem começado a produzir o abastecimento dada sua capacidade de tradução do mundo concreto em dados.

Diante disso, nossa hipótese é de que a modelização cultural hoje se dá a partir da constituição de *corpos-chip*, um estágio de rastreamento e controle que tem agenciado as partilhas do sensível (RANCIÈRE, 2009) contemporâneas. Falamos nesses termos por considerarmos que a organização das bolhas algorítmicas seja apenas um dos efeitos do maquinismo *smartphone*. Interessa-nos a constituição de uma perspectiva mais abrangente para evidenciar como o próprio corpo humano, em sua materialidade ciborgue, tem sido agenciado por uma comunicação que emerge dele próprio. De modo mais claro, estamos dizendo que o *corpo-chip* esteja apresentando um estágio comunicativo que evidencia mais do que nunca a potência produtora de sentido dos corpos, na qual as inteligências artificiais estariam começado a codificar os movimentos e ritmos humanos a ponto de gerenciar e atribuir significados a uma linguagem comunicativa que se dê entre o corpo humano, a geografia, o tempo e os bancos de dados¹².

¹² Tal consideração, que parece um tanto quanto ficcional a um primeiro momento, pode ser vista como uma possibilidade concreta ao levarmos em conta que recentemente uma inteligência artificial do Facebook tenha criado uma linguagem própria em uma simulação que visava negociar trocas. Os robôs Bob e Alice deveriam chegar em uma solução e tinha em um primeiro momento a capacidade de se comunicarem em inglês. Como não obtiveram sucesso, passaram a se comunicar através de repetições de palavras existentes gerando uma sintaxe e uma semântica próprias, quase em uma musicalização dos dados que tinham disponíveis. Detalhes da experiência podem ser obtidos em: <<https://olhardigital.com.br/noticia/facebook-desativa-inteligencia-artificial-apos-ela-criar-sua-propria-linguagem/70075>>.

2. *Corpo-chip*: o corpo político da máquina *smartphone*

Temos argumentado que a acoplagem do *smartphone* ao corpo humano tem constituído um acontecimento que transforma ambos os corpos, dando forma ao que temos chamado de máquina *smartphone*, materializada no *corpo-chip*. Em um primeiro momento pode parecer que a produção tecnológica e o corpo humano andavam separados nesse processo, mas para que isso não siga como uma questão de fundo mal colocada, cabe evidenciar os modos como temos entendido a humanidade e a tecnologia antes de adentrarmos no acontecimento propriamente dito.

Nosso objetivo com a denominação de *corpo-chip* é seguir uma linha de pensamento que vai em direção ao esfacelamento de todo um conjunto de dualismos, dentre eles o que separa natureza e tecnologia, como coloca Preciado (2014) em diálogo com Haraway (2009):

já somos ciborgues que incorporam próteses cibernéticas e robóticas. Não há volta. As tecnologias mecânicas e cibernéticas não são instrumentos neutros surgidos em um paraíso científico que poderiam, em um segundo momento, ser aplicados com fins políticos mais ou menos saudáveis. Tudo (desde os sistemas high-tech de comunicação pela internet às técnicas gastronômicas, passando por uma técnica low-tech como, por exemplo, a do transar) é desde o princípio um sistema político que vem assegurar a reprodução de estruturas socioeconômicas precisas (PRECIADO, 2014, p. 168).

Entretanto, esse desmanchar de dualismos é uma empreitada um tanto quanto árdua e remete diretamente às noções de tecnologia e humanidade que vêm sendo construídas durante séculos. Preciado (2014) encontra na definição de humanidade do discurso antropológico colonial já uma menção ao imbricamento dessas duas instâncias, argumentando que para o campo citado, o homem é o animal que utiliza instrumentos e a tecnologia é a totalidade de instrumentos fabricados pelo homem para fazer coisas. Ora, então tecnologia e humanidade se agenciam mutuamente, não fazendo sentido sua separação dualista como sendo uma oposta a outra. Nesse sentido, essa dicotomia funciona apenas como uma questão ideologicamente posta pelo humanismo cartesiano que coloca o ser humano no centro de todas as estruturas, como uma origem transcendente do mundo tal qual o conhecemos.

Ao nos afastarmos dessa dicotomia, assumimos uma perspectiva que dialoga com a ideia de que “as tecnologias de comunicação e as biotecnologias são ferramentas cruciais no processo de remodelação de nossos corpos” (HARAWAY, 2009, p. 64). Isso dá a ver que

as tecnologias e os discursos científicos podem ser parcialmente compreendidos como formalizações, isso é, como momentos congelados de fluidas interações sociais que as constituem, mas eles devem ser vistos

também como instrumentos para a imposição de significados (HARAWAY, 2009, p. 64).

Nessa esteira, a constituição do *corpo-chip* é o estágio contemporâneo da remodelagem de nossos corpos através da expansão da potência de codificação das expressões corporais. A matematização dos movimentos corporais dialoga com o desejo de previsibilidade de futuros com o intuito de controle social e capitalístico, ou melhor, opera com o objetivo de produção de “uma linguagem comum na qual toda a resistência ao controle instrumental desaparece e toda a heterogeneidade pode ser submetida à desmontagem, à remontagem, ao investimento e à troca” (HARAWAY, 2009, p. 64).

Em suma, essa perspectiva dialoga com a ideia de que o corpo tem uma dimensão política por sua relação com a lei, com o Estado, com as lógicas capitalistas. É também nos corpos que se manifestam tais mecanismos regulatórios a partir de diferentes estratégias – das punitivas e disciplinares até as de controle modulatório como a máquina *smartphone*. Tomamos posição de entender o uso do *smartphone* e a produção do *corpo-chip* como um componente do corpo político contemporâneo, ou seja, como parte do “conjunto dos elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e de saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saber” (FOUCAULT, 1987, p. 31-32). E no que toca ao maquinismo do *smartphone*, o *corpo-chip* nos parece uma ferramenta que possibilita o saber sobre tendências sociais emergentes, sobre os efeitos dos acontecimentos nacionais, regionais e locais, sobre as relações que constituem as cidades. E a partir desse saber, as relações de poder não só se mantêm como estão como tendem a se expandir.

3. Acontecimento e metamodelização

Para tanto, é chegada a hora de desenvolvermos teoricamente uma reflexão sobre o acontecimento de produção do *corpo-chip*, o que faremos principalmente a partir da filosofia maquinica de Deleuze e Guattari em seu livro *O anti-édipo* (2013). Mas antes de adentrarmos no processo pelo qual os corpos e os enunciados passam, cabe-nos definir o que temos entendido por acontecimento a fim de esclarecermos seus efeitos, e, assim, esclarecermos os motivos de estarmos chamando a produção de *corpos-chip* de acontecimento.

Quando o punhal entra na carne, quando o alimento ou o veneno se espalha pelo corpo, quando a gota de vinho é vertida na água, há mistura de corpos; mas os enunciados “o punhal corta a carne”, “eu como”, “a água enrubesce”, exprimem transformações incorpóreas de natureza completamente diferente (acontecimentos) (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 28)

O acontecimento é, nesse sentido, imanente aos corpos, sua organização e seus movimentos, bem como à significação que deles emerge. Entretanto, a transformação causada

pelo acontecimento não está dada anteriormente como possibilidade. Isso quer dizer que nem os corpos nem os modos de sua expressão são prévios ao acontecimento, é impossível prever o que vai emergir do encontro. Pelo contrário, há uma parcela de imprevisibilidade condizente ao acontecimento. O novo campo de possíveis em relação aos corpos e seus modos de expressão e significação, agenciado pelo acontecimento, é posterior ao acontecimento.

O acontecimento pode ser concebido como a produção de sentido dada pelo encontro de corpos que exprimem transformações incorpóreas de natureza completamente diferente dos corpos. Mas é preciso lembrar que “as transformações incorpóreas, os atributos incorpóreos, são ditos, e só são ditos, acerca dos próprios corpos” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 28). Não há dissociabilidade ou primazia entre os processos que constituem conjuntos de modos de expressão ou conjuntos de corpos de uma cultura. São processos que correm sempre em uma imanência, ainda que possam ter velocidades diferentes.

Nesse sentido, o *corpo-chip* se trata de um efeito de sentido decorrente do acontecimento agenciado pelo encontro entre o corpo humano e o *smartphone*. O *corpo-chip* é em nosso entendimento algo que abre um novo campo de possíveis em relação aos modos de viver, dos corpos se juntarem, de se expressarem. Por isso, entendemos que a produção do *corpo-chip* seja da ordem de uma metamodelização (GUATTARI, 2012), ou seja, um processo que não opera isoladamente, mas em uma lógica que agencia outras tantas modelizações, tornando o maquinismo do *smartphone* sempre processual, ou seja, fazendo com que a transformação seja parte do funcionamento dessa máquina.

Retrospectivamente, a criação do conceito de metamodelização visava evidenciar que ao invés de buscarmos a origem das estruturas, o que devemos mostrar é a imanência entre diversos componentes que constituem uma dada situação processual. Devemos perceber que as lógicas sociais se desdobram através da *heterogênese*, que confere a característica da máquina de nunca ser relacionada a um único componente, mas ser constituída pelas relações dos seus diferentes componentes. Mais do que isso, o conceito de metamodelização visava mostrar a especificidade dos corpos formados bem como sua constante disponibilidade para novos acontecimentos que os transformem.

Usar tal conceituação a um primeiro momento faz parecer que estaríamos fazendo coro mais uma vez a utopia da liberdade absoluta da internet, já que evidencia não um foco central de poder, mas um ecossistema formado de forma heterogênea e sempre em transformação. No entanto, se a “a máquina capitalista é incapaz de fornecer um código que abranja o conjunto do campo social” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 51), é na sua conexão com toda diferença

que ela pode se desenvolver melhor. É importante perceber que quando o corpo humano e seus movimentos expressivos se tornam componentes da máquina *smartphone*, toda transformação que com eles é agenciada é inevitavelmente rastreada e armazenada em bancos de dados. Enxergamos nesse sentido uma máquina que busca o controle no nível da força vital e da produção do desejo.

Uma descrição mais detalhada do processo de metamodelização de corpos que estamos tratando pode tomar a via da explicitação dos modos de produção desejante do capitalismo presentes principalmente no livro *O anti-Édipo* de Deleuze e Guattari (2013) e em *Mil platôs III* dos mesmos autores (2015). Se tomarmos um corte temporal de uma circunstância bastante estratificada do corpo, a transformação do modelo corporal pode ser entendida como um estágio de sua captura e modelização capitalística.

Para entender esse processo, tomemos o que Deleuze e Guattari (2015) chamam de produção do corpo sem órgãos, que é o esvaziamento das significações que constituem o ser. Ou seja, “CsO é o que resta quando tudo foi retirado. E o que se retira é justamente o fantasma, o conjunto de significâncias e subjetivações” (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 14). É por isso mesmo matéria amorfa, por justamente não estar formalizada e estratificada em algum nível. Mas isso nunca se dá por completo, ou seja, o CsO é inalcançável, já que “há sempre um estrato atrás de um outro estrato, um estrato engastado em outro estrato” (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 15). É, portanto, um processo de experimentação de esvaziamento que automaticamente recoloca um outro programa. “O corpo sem órgãos, o improdutivo, o inconsumível, serve de superfície para o registro de todo o processo de produção do desejo, de modo que as máquinas desejantes parecem emanar dele no movimento objetivo aparente que os reporta a ele” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 24).

O CsO faz parte de um processo de produção da produção, o ponto necessário para que exista a possibilidade de conexão com qualquer outro estrato afastado devido às próprias organizações de um ou de outro. O CsO é o plano de imanência que permite a aproximação dos estratos e sua conseqüente transformação. Isso quer dizer que a produção do CsO é um estágio que nunca vem sozinho: primeiro se ‘abre’ o corpo e depois se faz passar fluxos por dentro dele. É no CsO que se produzem as máquinas mais diversas – das desejantes às paranoicas, das sociais às técnicas.

Propomos aqui que o CsO seja uma condição inerente à transformação. Diante de um encontro, nem todos componentes e suas significações seguem agrupadas na nova organização. Vamos de um momento conectivo, passamos por um momento produtivo, que se encerra em

um momento disjuntivo. Os devires, as transformações causadas no meio desse processo, são resultantes dos processos de atração e repulsão de corpos e de suas transformações significacionais.

No que toca à nossa temática, podemos traduzir tal processo da seguinte forma: o encontro do *smartphone* com o corpo humano constitui primeiramente um momento de improdutividade para um tipo mais tradicional de capitalismo. Os mercados ainda não digitalizados já sofriam com a introdução da internet na disputa pelo capital, mas com os *smartphones* isso dá uma guinada ainda mais forte. Nos parece que a improdutividade se dá no nível principalmente na disputa das partilhas do sensível que hoje se manifestam. Falamos isso, tomando a ideia de uma partilha do sensível como “uma impossibilidade de fazer ‘outra coisa’, fundada na ausência do tempo” (RANCIÈRE, 2009, p. 64). Já não era raro observar em estabelecimentos comerciais alguns funcionários conectados à internet em horário de trabalho utilizando os próprios computadores dos estabelecimentos. Mas com o agenciamento *corpo-chip*, a possibilidade de se estar em mais de um local se tornou possível – ainda que esse local não seja geográfico, mas digital agenciando outros tempos paralelos. Devido a isso, os funcionários inevitavelmente podem em ocasiões baixar sua produtividade pelo uso do *smartphone*. Mas essa baixa na produtividade é, na verdade, um redirecionamento da força produtiva. Os *corpos-chip* são um agenciamento que se vê improdutivo para um tipo de capitalismo, mas que instaura um outro com mais força de controle sobre a força vital e produtiva.

Em suma, o acontecimento que estamos descrevendo é a fusão entre *smartphone* e o corpo humano através da modulação dos modos de organização das forças produtivas sem, no entanto, estratificá-las de imediato. O *smartphone* torna os fluxos rastreáveis e moduláveis, mas quem os estratifica são os outros tantos encontros do qual esse agenciamento fará parte – ou seja, os encontros com lugares, estabelecimentos, eventos, indivíduos, tecnologias – conjugados com a lógica capitalística. Por isso, podemos falar que o *smartphone* produz corpo sem órgãos e faz fluir o fluxo capitalista nas diferenciações constantes da cultura. Nesse sentido, mesmo os movimentos sociais, as causas ideológicas, as movimentos artísticos são modulados capitalisticamente em uma rapidez nunca antes vista historicamente.

4. Os agenciamentos entre as sociedades disciplinares e as sociedades de controle a partir do *corpo-chip*

Esse modo de agenciamento da cultura em sua imanência com tecnologias da época e sua relação com o capitalismo já vem sendo trabalhado por Deleuze, principalmente no texto *Post-scriptum sobre as sociedades de controle* (1992). No texto, o filósofo evidencia a diferença entre duas estratégias de manutenção do poder, que foram intituladas de sociedades disciplinares e sociedades de controle inicialmente analisadas por Michel Foucault (1987).

As sociedades disciplinares se referiam a estruturas sociais que buscam “concentrar; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares” (DELEUZE, 219). Isso significa uma espécie de gerenciamento da vida a partir de modelos existenciais bem definidos e pouco maleáveis – o que acontece então é a modelização dos indivíduos em moldes ordenados por instituições tais quais a família, a escola, a fábrica e a prisão a partir de métodos ora punitivos ora corretivos, mas que inevitavelmente incidem sobre o corpo e suas forças.

Já na estruturação que veio a se chamar de sociedade de controle, tal agenciamento corporal não deixa de existir, mas se transforma, parecendo mais brando ou, ainda, positivo a olhos mais despreocupados. Esse tipo mais recente de estruturação social se daria não pela cristalização dos modos de vida, mas justamente por e através de suas transformações.

Os diferentes modos de controle, os controlatos, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável cuja linguagem é *numérica* (o que não quer dizer necessariamente binária). Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro (DELEUZE, 1992, p. 221).

Na prática, isso funciona através de processos de motivação (modulação de salário, prêmios) e de formação permanente (nunca se termina nada). Deleuze (1992) observou que a partir de máquinas de informática e computadores, massas de pessoas funcionariam como amostras, dados, mercados, bancos para o marketing, o qual passou a exercer papel de controle social, dando a ver os modos de funcionamento de uma biopolítica neoliberal, na qual “o que conta não é a barreira, mas o computador que detecta a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal” (DELEUZE, 1992, p. 225). E essa modulação, ao nosso ver, seria da ordem de tornar todo e qualquer foco de movimentação de corpos um nicho de mercado. Trata-se, pois, da captura de uma comunicação que se dá através dos corpos e suas posições.

Ao analisarmos as lógicas do Facebook e suas bolhas algorítmicas, por exemplo, encontramos algo bastante parecido com essa estrutura. Uma lógica que premia os que trabalham mais e melhor, abastecendo seus perfis pessoais com postagens que ajudam a formar sua própria personalidade. E o prêmio é o prestígio social que produz o desejo de ser mais e mais aquilo que lhe dá tal prestígio, de postar mais e mais aquilo que lhe rende o maior número de *likes*. O mercado, por sua vez, é agraciado com a clareza de nichos de mercado de diversos tamanhos, que podem ser acessados facilmente.

A caracterização da sociedade de controle condiz, então, com um funcionamento que não opera através da modelização ordenada dos corpos, mas no nível de uma metamodelização agenciada pelo marketing munido da tecnologia computacional e sua capacidade modulatória, mas também por acontecimentos sociais diversos. Assim, mesmo que a modulação incida fortemente sobre a vida, há de se considerar que os acontecimentos sociais hoje também sejam produtores das relações estruturais e mercadológicas da sociedade – observa-se mesmo uma quase indiscernibilidade entre causas sociais e nichos de mercado quando essas primeiras são rapidamente transformadas em identidades abastecidas por produtos vendidos em grande escala. No entanto, não caímos em um otimismo ingênuo que pensa que nunca antes vivemos período mais livre que o das sociedades de controle. Mais do que isso, vale mesmo relativizar a passagem de um tipo de sociedade a outra e observar como eles hoje existem concomitantemente, sendo utilizados conjuntamente para a manutenção do poder.

Deleuze (1992) relacionou as sociedades de controle com a crise das instituições, as quais se tornariam mais maleáveis e intimamente relacionadas com as cifras do marketing modulatório. De fato, vemos mais uma vez as políticas neoliberais provocando uma crise da credibilidade das instituições, sendo a maioria delas provocada a se sustentar a partir de capital privado (vemos, por exemplo, a escola e a universidade cada vez mais inclinadas a se tornarem ambientes tecnicistas geridos pelos interesses capitalísticos). Observamos também a glorificação de uma estrutura familiar tradicional, bem condizente com os moldes disciplinares, ao mesmo tempo em que cresce a expressividade das instituições religiosas intensamente dogmáticas, ainda que bastante vinculadas ao capitalismo.

Em relação a esse momento que parece bastante misterioso de ser explicado, a nossa hipótese é de que através do *corpo-chip* e dos sites de redes sociais, os próprios moldes mais tradicionais condizentes com a sociedade disciplinar estejam se tornando nichos de mercado. Como o rastreamento dos movimentos corporais e expressivos é incessante, mesmo o que é mais íntimo passa a constituir amostras do que compõe a sociedade. E a resposta disso é que a

produção de um regime de dados nos sites de redes sociais, as bolhas algorítmicas, também se dá a partir das nossas ações mais íntimas e de nossa vivência cotidiana. As bolhas algorítmicas se desdobram, pois, na materialização cada vez mais fiel das partilhas do sensível (RANCIÈRE, 2009) que compõe a sociedade por passarem a ser agenciadas não somente pelos interesses que manifestamos online, mas também pelas problemáticas mais encrustadas no interior da sociedade através do rastreamento do cotidiano pela amálgama *corpo-chip*. Infelizmente, talvez preconceitos como racismo, machismo, homofobia, intolerância religiosa e outros sejam ainda as mais expressivas características das sociedades contemporâneas. Se assim for, um dos maiores nichos de interesse a ser modulado pelo capitalismo contemporâneo é o dos modelos disciplinares mais estratificados.

Considerações finais

Ao propormos uma reflexão sobre o incisivo rastreamento de informações pelo maquinismo do *smartphone*, buscamos mostrar como a estruturação da sociedade se transforma em diversos âmbitos com a produção da amálgama que denominamos de *corpo-chip*. A acoplagem do *smartphone* ao corpo humano possibilita que os movimentos corporais se tornem mensagens para os bancos de dados, tornando possível a computação da comunicação corporal.

Para demonstrar como isso tem se dado, trouxemos, em categoria de exemplos, duas principais questões: o funcionamento da recente espionagem americana a partir de aparelhos móveis; e a utilização do rastreamento geográfico de pessoas a partir do GPS do *smartphone* pelo aplicativo Happn, pelo Facebook e pelo Google. As questões expostas buscaram mostrar que os *smartphones* são capazes de armazenar informações a partir de movimentos corporais que estão para além das interfaces dos aplicativos e sites.

Para que se pudesse posicionar o debate do controle de informações a partir do *smartphone* foi necessário criarmos o conceito de *corpo-chip*, afim de denominar a singularidade desse ciborgue descrito ao longo do texto. Com subsídio nas teorias queer, através de Donna Haraway (2009) e Beatriz Preciado (2014), entendemos o corpo humano para além de sua faceta humanista, conduzindo a discussão para uma problematização social da tecnologia móvel que se mostra onipresente em nossas vidas¹³.

Portanto, existem agenciamentos capitalísticos quase simultâneos em todo e qualquer movimento social emergente. Isso se dá pela captura extremamente rápida de informações

¹³ Para além da discussão posta, o percurso evidencia como as teorias queer são uma virada epistemológica importante que escoa em diversos âmbitos do conhecimento.

através da amálgama *corpo-chip*, que agencia toda transformação das estruturas sociais em uma oportunidade capitalística. Isso se dá pela característica metamodelizante do *corpo-chip*, que faz entrar em consonância os fluxos vitais e o fluxo capitalista.

Essa percepção nos direciona a uma dimensão mais alargada de como se estruturam os mecanismos de modelização da sociedade hoje. A partir de Deleuze (1992) entendemos que estejam em curso agenciamentos entre o que o autor chamou de sociedade disciplinar e sociedade de controle, com os quais o poder estatal institucional e o poder capitalístico se mesclam fortemente. Observamos que o *corpo-chip* seja componente dessa situação na medida em que torna visíveis os hábitos mais arraigados da sociedade para os bancos de dados online e para aqueles que visam acioná-los para gerir diferentes interesses.

Um cenário um tanto quanto apocalíptico se não levarmos a sério que o *corpo-chip* evoca uma imanência entre as relações de poder, o capitalismo, a tecnologia, os modelos de existência, a geografia e o cotidiano. Portanto, deixamos como hipótese a ideia de que as atividades que moldam a imagem que a máquina *smartphone* faz da sociedade estejam para além do ambiente digital. O *ativismo de sofá*¹⁴ parece cada vez menos eficaz nesse cenário. A vivência na cidade, os percursos geográficos aberrantes, os encontros corporais são eles mesmos parte da transformação social – a comunicação dos corpos e sua presença são também motores modulatórios dos estratos sociais.

Referências

ANDREJEVIC, Mark. Tornando-se Drones: vigilância móvel e sensoriamento remoto. **Revista Parágrafo**. São Paulo, V. 1, N. 3, 2015.

ARRUDA, Mario. **Ecologia da bolha algorítmica** – liberdade e controle nas redes de comunicação online. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Anti Édipo**. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

¹⁴ Expressão referente ao ativismo contemporâneo que se dá a partir dos sites de redes sociais.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Microfísica do Poder**. Coletivo Sabotagem: 2004.

_____. **Nascimento da Biopolítica**. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4111324/mod_resource/content/1/Foucault_Vigiar%20e%20punir%20I%20e%20II.pdf>. Acesso em 20.02.2018.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011

GUATTARI, Felix. **As Três Ecologias**. Rio de Janeiro: Papyrus, 2009.

_____. **Caosmose**. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica** - Cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 2005.

GUY, DEBORD. **Teoria da Deriva**. Protopia Wiki, 2012.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1975.

KURZWEIL, Ray. **The Singularity Is Near** - when humans transcend biology. London: Viking Penguin, 2005.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contra-sexual** – práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROLNIK, Suely. **A forma das coisas por vir**. Museu Oscar Niemeyer, 2007.

SILVA, Alexandre Rocha da. **Semiótica Crítica**: micropolíticas pós-humanas da comunicação. Projeto de Pesquisa CNPq, 2015.

SILVA, Alexandre Rocha da; ARAUJO, André Corrêa da Silva de. **Semiótica Crítica**: materialidades, acontecimento e micropolíticas. **Revista Intexto**. Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 132-145, set./dez. 2015.